

# Largar um livro chato é direito básico do ser humano, diz Pedro Bandeira

Autor exige de si mesmo a capacidade de comunicar bem as suas ideias

WALTER PORTO  
Folhapress

Um dos direitos mais básicos do ser humano é fechar um livro que está chato, reza Pedro Bandeira. “Você chegou à vigésima página, está um saco? Larga aquele troço. ‘Ah, mas eu tenho que ir até o fim’. Não tem.” É por isso que esse autor, firme há quatro décadas como um dos mais populares do país, ainda presta tanta atenção a como comunicar bem suas ideias. Não há chave melhor para segurar um leitor na narrativa - ainda mais uma criança ou jovem, seu principal público.

“Tem gente que acha que cultura é ninguém lhe entender. ‘Eu sou tão inteligente que ninguém me entende’. Isso é de uma aristocracia idiota. Eu quero que me entendam. Eu luto para ser entendido”, afirma. “Autores amigos meus, que faziam sucesso universitário e pouco sucesso popular, falavam - eu escrevo para mim, leia quem quiser. Dançou. Dançou, amigo.”

O escritor de 83 anos recebeu a reportagem em seu escritório em São Paulo, na primeira semana de dezembro. Bandeira se divide entre o apartamento no bairro dos Jardins e seu sítio no interior do estado. Vem pousar na capital quando tem compromissos. Ali, ele mostra uma de suas fiéis companheiras, a edição antiga de um calhamaço, o “Dicionário de Rimas da Língua Portuguesa”.

Ué, mas Bandeira não é exatamente conhecido pela poesia. Aí é que está. “Para a criança pequena, o verso é muito mais fácil de compreender. Quando você está na fase de adquirir compreensão leitora, ajuda muito, porque a redondilha segue o ritmo natural da língua falada. A prosa livre é mais difícil, não marca o momento de respirar.”

Foi um de seus aprendizados numa carreira longa. Uma colega contemporânea que lhe ensinou muito foi Ruth Rocha - ela sempre defendeu que “simplificar a linguagem para a criança não é fazer língua de bobo”.

“É, por exemplo, procurar mais substantivos adjetivados, que já dizem algo. Você diz delegado, não precisa dizer “delegado sério”, “delegado austero”. Delegado já tem sua própria qualificação. Assim você simplifica a linguagem sem empobrecer nada.”

Esse desejo pela comunicação eficiente já estava inscrito nas funções que Bandeira cumpriu antes de estourar como escritor - professor de cursinho, publicitário, jornalista. Foi uma época importante para



Antes de estourar como escritor, Pedro Bandeira foi professor de cursinho, publicitário e jornalista

“Tem gente que acha que cultura é ninguém lhe entender. ‘Eu sou tão inteligente que ninguém me entende’. Isso é de uma aristocracia idiota. Eu quero que me entendam. Eu luto para ser entendido”

PEDRO BANDEIRA

se policiar a escrever “com ou sem inspiração”. Hoje, ainda diz escrever todo dia.

A virada foi com seu primeiro livro publicado, em 1983. “O Dinossauro que Fazia Au-Au” saiu pela Moderna, que o edita até hoje, e abriu alas para alguns dos mais conhecidos livros infantojuvenis brasileiros, como “O Fantástico Mistério de Feiurinha” e “A Droga da Obediência”.

Este último, que começou a popular série da turma dos Karas, acaba de ganhar uma adaptação em quadrinhos e uma edição especial para comemorar seus 40 anos de publicação. Foi um best-seller rapidamente abraçado por leitores em

idade escolar.

Um jeito de escrever bem para essa faixa etária é se pôr no lugar dela, sem olhar de cima para baixo. “Você vê uma criança de cinco anos de cabeça baixa. Começa a pensar, a partir da realidade dela, o que pode estar acontecendo. Aí pode surgir alguma coisa na tua sensibilidade.”

“Porque eu escrevo para o meu leitor, não para os adultos que me dariam prêmio. O meu leitor tem que entender o que eu estou querendo falar com ele. Aí procuro a linguagem mais precisa. Por exemplo, segundo Piaget, até os 12 anos uma criança não entende ironia. Se você fala que estava na Lua, ela vai acreditar.”

Pedro Bandeira, ainda bem, está num dia de falar pelos cotovelos - se demora na entrevista e nas fotos para a Folha por quase três horas. Diz, com algum aperto no peito, que não tem mais crianças no dia a dia da família. Sua neta mais velha tem 27 anos e o mais novo fez 13.

Sem ser provocado, fala sobre Bolsonaro - “foi preciso que ele fizesse tudo o que fez para a gente entender que não dá para eleger um cara como esse” - e Trump - “é o presidente da democracia mais famosa do mundo falando sobre o imigrante da Somália igual Hitler falava sobre os judeus”.

E se detém sobre Monteiro Lobato, dizendo que hoje “tem uma briga muito grande para ele ser cancelado”. O repórter pergunta como ele, Bandeira, se sente com a ideia de que gerações futuras vejam seus livros como datados, precisando de notas de rodapé.

“Pode ser que isso aconteça, mas vai demorar”, torce. “Eu só trato de emoção de criança e de adolescente. Pode mudar a linguagem? Isso demora. Não sei. Não dá para escrever para o futuro. Mas eu acho que eu escrevo para o futuro quando trato das emoções humanas.”